

ACOLHIMENTO E APOIO A PESSOAS VIVENDO COM HIV: RESSIGNIFICAÇÃO DO VÍRUS, DE SI E DA VIDA EM UM GRUPO FECHADO DO FACEBOOK**WELCOME AND SUPPORT FOR PEOPLE LIVING WITH HIV: RESIGNING THE VIRUS, SELF AND LIFE IN A CLOSED FACEBOOK GROUP****BIENVENIDA Y APOYO A LAS PERSONAS QUE VIVEN CON VIH: RENUNCIA AL VIRUS, A MISMO Y A LA VIDA EN UN GRUPO CERRADO DE FACEBOOK***Rafael Henrique Izidoro Saraiva¹*

Resumo: Este artigo visa compreender as características de espaços de apoio e acolhimento on-line para PVHIV, a partir da análise das interações de postagens e respostas em um determinado grupo no Facebook. A pesquisa é um estudo de caso visando analisar a relação entre os impactos do estigma sobre as PVHIV e o acolhimento e apoio encontrado nas interações do grupo. Para tal foi utilizado o método netnográfico para coleta e análise das postagens. Os principais resultados apontam que as interações do grupo contribuem para minimizar o sofrimento, estimular a inclusão e reintegração social dos membros e servem de suporte para a busca de uma melhor qualidade de vida.

Palavras-chave: HIV; PVHIV; estigma; saúde mental; grupos de acolhimento on-line.

Abstract: This article aims to understand the characteristics of online support and reception spaces for PLHIV, based on the analysis of post interactions and responses in a specific Facebook group. The research is a case study aiming to analyze the relationship between the impacts of stigma on PLHIV and the reception and support found in group interactions. To this end, the netnographic method was used to collect and analyze the posts. The main results indicate that the group's interactions contribute to minimizing suffering, stimulating the inclusion and social reintegration of members and serving as support for the search for a better quality of life.

Keywords: HIV; PLHIV; stigma; mental health; on-line host groups.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo comprender las características de los espacios en línea de apoyo y acogida para personas que viven con el VIH, a partir del análisis de las interacciones y respuestas de publicaciones en un grupo específico de Facebook. La investigación es un estudio de caso que analiza la relación entre los impactos del estigma en las personas que viven con el VIH y la recepción y el apoyo encontrados en las interacciones grupales. Para la recolección y análisis de las publicaciones se utilizó el método netnográfico. Los principales resultados indican que las interacciones del grupo contribuyen a minimizar el sufrimiento, estimulando la inclusión y reinserción social de los miembros y sirviendo de apoyo para la búsqueda de una mejor calidad de vida.

¹ Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pelo Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, Universidade Federal Fluminense, em Campos dos Goytacazes. E-mail: rafaelsaraiva@id.uff.br

Palabras clave: VIH; PVVIH; estigma; salud mental; grupos de acogida en línea.

INTRODUÇÃO

Desde que o vírus da imunodeficiência adquirida (HIV) se apresentou ao mundo no início da década de 1980 gerando a primeira epidemia da síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), torna-se clara uma disputa de narrativas biomédicas, que tentam mapear e conter o vírus no organismo, *versus* uma apropriação moral por uma parte conservadora da sociedade valendo-se da desinformação e medo para utilizar da doença como uma ferramenta de normatização e controle sexual.

Após quatro décadas da primeira epidemia, vemos avanços no que tange à área da Saúde, em relação ao vírus e à qualidade de vida da Pessoa Vivendo com HIV (PVHIV), diminuindo o número de comprimidos, atenuando os efeitos colaterais a quase zero e fazendo com que as pessoas que aderem ao tratamento antirretroviral possam chegar à condição de indetectável, estágio onde a carga viral é tão baixa que a pessoa em tratamento tem uma chance quase nula de transmitir o vírus. Além disso, válido apontar que atualmente o tratamento conta com o uso de medicações preventivas, como a PrEP- Profilaxia Pré-Exposição, utilizada antes da exposição sexual, e a PEP - Profilaxia Pós-Exposição, que é recomendada após uma exposição sexual como indicação de prevenção do HIV (Brasil, 2017). Entretanto, mesmo com o avanço no tratamento e prevenção, milhares de casos continuam sendo registrados todos os anos, ainda que em quantidade menor que no início da epidemia. Em 2021, segundo o Ministério da Saúde, foram registrados pelo Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) 40,8 mil casos de HIV e 35,2 mil casos de AIDS no país. Em 2022, foram notificados 16.703 novos casos de infecção por HIV no Brasil e cerca de 50 mil casos de AIDS.² Ainda segundo o Ministério da Saúde, atualmente, cerca de um milhão de pessoas vivem com HIV no país. (Brasil, 2022) No que se refere à face social do vírus e por conta da apropriação moral das narrativas em torno do HIV/AIDS, encontramos um efeito de bola de neve que continua instalado e reforçando o tabu e estigma sobre o vírus.

² Para saber mais sobre a diferença entre infecção por HIV e o que é a AIDS, bem como sobre as situações de risco, ver, por exemplo, <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/a/aids-hiv#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20causas%20%C2%20sintomas.defender%20o%20organismo%20de%20do%20en%C3%A7as>. Acesso em 21 jul. 2023.

Segundo o Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS (PNUD, 2019), 64,1% das pessoas entrevistadas já passaram por alguma experiência de estigma ou discriminação pelo fato de viverem com HIV ou com AIDS. O estudo evidencia também outras situações de discriminação como, assédio verbal (25,3%), perda de fonte de renda ou emprego (19,6%) e até mesmo agressões físicas (6,0%). Além disso, 46,3% das pessoas entrevistadas já foram alvo de comentários especulativos ou discriminatórios, ao mesmo tempo que 41% dos entrevistados dizem ter sido alvo de comentários feitos por membros da própria família.

Apesar do descompasso entre os avanços biomédicos e a perpetuação do estigma, como pretendemos mostrar ao longo deste artigo, as duas faces do vírus estão diretamente ligadas. A compreensão estigmatizada sobre o vírus impede que a informação e o debate avancem, gerando um silenciamento sobre o HIV/AIDS e, por conseguinte, impede a adesão correta às tecnologias de prevenção e tratamento ideal. A partir disto, a questão do estigma se torna central para a compreensão desta pesquisa. O entendimento de que, para romper com esse ciclo e proporcionar esclarecimentos e melhor adesão ao tratamento, é de fundamental importância a troca entre pares e outros envolvidos. O trabalho parte do pressuposto que o estabelecimento de relações de acolhida e o apoio mútuo podem naturalizar a convivência com o vírus e munir essas pessoas de informações corretas para que a partir disto as PVHIV sejam encorajadas no tratamento e na busca por mais qualidade de vida.

Muitas vezes essas relações de acolhimento acontecem em grupos de apoio de modo presencial. Desde os anos 1980, com o início da epidemia, em resposta ao descaso governamental e ao pânico midiático nos EUA sobre o HIV, foram sendo construídas redes de acolhimento e apoio entre os grupos que mais sofriam com os efeitos da síndrome. Desses primeiros grupos que se formaram a partir de uma rejeição estatal surgem os ideais de Queer Nation (nação abjeta), como lembra Miskolci (2017, p. 24): “parte da nação foi rejeitada, foi humilhada, considerada abjeta, motivo de desprezo e nojo, medo de contaminação. É assim que surge o queer, como reação e resistência a um novo momento biopolítico instaurado pela AIDS.”

Os grupos de apoio e acolhimento presenciais já vem sendo estudado por diversos autores, como citam Rasera e Japur (2003). Entretanto, como apontam Falcão *et al.* (2020), a internet vem sendo cada vez mais usada por pessoas vivendo com HIV/Aids como instrumento de busca por informações em saúde e se tornado importante recurso de apoio aos pacientes. De fato, também observamos que a formação de grupos em plataformas da internet tem permitido ampliar essa interação e o fluxo de informações sobre o tema para além dos territórios.

Isto posto, esta pesquisa visa compreender as interações de postagens e respostas em um grupo fechado do Facebook, com o intuito de analisar o funcionamento das relações de acolhimento entre PVHIV. O grupo criado em 2016 tem atualmente 5,7 mil membros e é mantido privado desde sua criação, como descrito em sua apresentação geral:

[...] tem o objetivo de acolher, orientar, fortalecer e ajudar mutuamente pessoas afetadas pelo vírus causador da AIDS. Nesse espaço os membros podem fazer amizade, compartilhar suas dúvidas, medos, experiências, vitórias, conquistas e histórias. Além de pessoas que vivem com o HIV, também é permitida a participação de profissionais de saúde das diferentes áreas, parentes, familiares e cônjuges de pessoas com HIV, assim como pesquisadores e ativistas de direitos humanos. (Grupo..., 2016, s.p.)

Conheci o grupo em 2018 através de uma companheira do projeto de extensão no qual era bolsista, o projeto “Transformando vidas: formação de multiplicadores na área de HIV/AIDS”, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) coordenado na época por uma assistente social que também atuava no CDIP (Centro de Testagem e Aconselhamento) do município de Campos dos Goytacazes. Por conviver com o HIV desde 2009, eu já fazia parte de um grupo no Whatsapp e acompanhava algumas páginas sobre HIV/AIDS nas redes sociais, entretanto, nunca tinha feito parte de um grupo tão grande e no qual as pessoas se sentissem tão à vontade para exporem suas questões relacionadas ao HIV.

Por compreender que as ações e o *modus operandi* desse grupo podem ter exemplos que auxiliem em ações de mitigação do estigma e fortalecimento da autoestima de PVHIV, esta pesquisa, um estudo de caso com inspiração da netnografia, parte das seguintes questões: quais as características que tornam o grupo um espaço de apoio e acolhimento? E como as interações ali estabelecidas impactam na vida dos membros da comunidade de seguidores?

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

O ESTIGMA PVHIV NA PERSPECTIVA DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO

Na obra “Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”, Goffman (2004) afirma que, para se pensar acerca do estigma, é preciso considerar esse processo como intrinsecamente vinculado à leitura da sociedade. O termo “estigma” originalmente se referia a marcas corporais que poderiam indicar tanto o *status* moral do sujeito que a apresentava, quanto evidenciar algum feito realizado por ele (GOFFMAN, 2004). No que se refere ao uso do termo

na atualidade, segundo Goffman (2004, p.6) “o termo estigma [...] será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo”. Ao se aprofundar na questão do estigma, o sociólogo nos dá uma série de exemplos e quais os efeitos desses atributos na interação social, explica, ainda, alguns estigmas como os relacionados às deficiências físicas e motoras podem ser percebidos na primeira interação. Em outros casos, como os das PVHIV, podemos dizer, o estigma e seus efeitos estão intrinsecamente ligados à concepção de “eu” formulada por elas próprias. Nessas situações, como em várias outras, o estigma opera em uma auto-concepção de inferioridade podendo levar a um estado crônico de insegurança e ansiedade. (Goffman, 2004).

Entretanto, como aponta o autor, o que caracteriza a estigmatização em si não está no atributo, uma vez que “um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso” (Goffman, 2004, p. 6). Fazendo relação com essa pesquisa, podemos analisar que o estigma que recai sobre a PVHIV não está ligado diretamente ao vírus, visto que a pessoa indetectável tem uma quantidade ínfima do vírus no organismo, e já não o transmite. Na verdade, está ligado à produção social de um sentido sobre as pessoas que convivem com o vírus.

Desde o princípio, o entendimento e a representação sobre o vírus do HIV sofreram uma apropriação por parte das camadas mais conservadoras da sociedade, as quais produziram incessantes discursos que corroboram com um olhar moral para com a condição dos portadores. Garcia e Koyama (2008), ao revisitar Cogan e Herek (1998), apontam que ao estigma da AIDS uma problemática a mais é acrescida: a superposição de estigmas já presentes entre determinadas pessoas. A título de exemplificação, podemos citar os que acometem os usuários de drogas, os homossexuais etc. Há, nesse sentido, uma associação da AIDS com grupos historicamente marcados por uma leitura moralizante de suas práticas.

Como apontado por Goffman (2004), o contato social pode implicar em um impacto positivo ou negativo na vida do estigmatizado, o termo que o autor chama de *carreira moral* refere-se a momentos marcantes da trajetória de um indivíduo e tem um impacto significativo que acompanhará a vida dessa pessoa. As mudanças da *carreira moral* dizem respeito a uma sequência de alterações na identidade e no escopo de imagens sobre si, usado para julgar a si mesmo e aos outros. Trata-se de acertos, correções e ajustamentos na subjetividade a partir das relações sociais estabelecidas. O sociólogo aponta dois grupos sociais que podem interferir de algum modo nesse impacto, os *iguais*, que ele define como pessoas com características em comum que as unem, e os *informados*, que são pessoas que apesar de não compartilharem a mesma característica são simpatizantes envolvidos indiretamente (Goffman, 2004, p. 21). A

partir dessa noção do autor, faço a relação dos conceitos para o caso do HIV: os *iguais*, neste caso, são outras pessoas que também vivem com o vírus, já os *informados* correspondem aos profissionais da saúde, amigos e familiares envolvidos indiretamente com a questão do HIV. Essa relação será fundamental para a aplicação do conceito de *carreira moral* e como ela impacta a vida da pessoa estigmatizada.

A *carreira moral* tem grande importância na construção da identidade do indivíduo, influenciando na concepção de “eu” que ele cria no subconsciente, neste sentido, entendemos que a aceitação ou rejeição do indivíduo pelo seu grupo está diretamente ligada a esse conceito. O contato com um grupo onde as violências simbólicas ligadas ao estigma sejam desnaturalizadas e o acesso a informações corretas estejam disponíveis pela troca entre pares, se torna fundamental para a construção da imagem que o indivíduo faz sobre o HIV e conseqüentemente sobre sua própria identidade, podendo ser uma maneira efetiva de reduzir os impactos do estigma na saúde mental dessas pessoas. Ao se referir ao estigma, Goffman (2004) afirma que a falta de um *feedback* positivo nesse intercâmbio social cotidiano pode levar o estigmatizado a se autoisolar, torná-lo uma pessoa desconfiada, deprimida, hostil, ansiosa e confusa (Goffman, 2004, p. 14).

Ao longo desta pesquisa veremos o diagnóstico positivo para o vírus como esse marco da *carreira moral* e como o grupo do Facebook pode se apresentar como um momento de ressignificação desse marco para as PVHIV influenciando na imagem que estas pessoas fazem sobre si, sobre os outros e na sua identidade.

APOIO, INFORMAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DE SI, DA DOENÇA E DA VIDA: COMPREENSÕES FUNDAMENTAIS SOBRE O QUE SÃO E QUAL O PAPEL DOS GRUPOS DE ACOLHIMENTO PARA PVHIV

Visto a importância da relação do indivíduo estigmatizado com os *iguais* e os *informados* trataremos nesta subsecção do papel dos grupos de acolhimento. O primeiro grupo com o qual criamos vínculo é o da família em suas mais diversas formas e, a partir dela, criamos as primeiras interações com o outro e conseqüentemente as primeiras relações sociais. Ao longo da nossa trajetória, essas redes tendem a se ampliar cada vez mais com a entrada em novos grupos, como a escola e a vizinhança. Para Pereira (2006) conforme o indivíduo aumenta sua visão de mundo com a entrada em novos grupos, aumenta também sua capacidade crítico-reflexiva sobre suas relações com os outros e consigo mesmo, reiterando sua necessidade de

aprendizagem numa convivência grupal. Eventualmente, ao longo da vida, por conta de demandas específicas, como quando sua saúde é mais gravemente afetada, o indivíduo pode precisar de interagir com grupos especializados, que atendam a essas necessidades e o suportem na caminhada, evitando seu isolamento, como já dito. A autora, em seu texto, estabelece a diferença entre diferentes grupos:

- Grupo de acolhimento – espaço de primeiro atendimento ou recepção.
- Grupo de apoio - espaço que dá continuidade ao acolhimento feito e que suporta os participantes ao longo do tempo.

Ainda segundo a autora, existe uma dificuldade de definir teoricamente limites entre os grupos de apoio e acolhimento pela multiplicidade de abordagens encontradas, pela utilização de denominações diferentes e porque existem múltiplos conceitos que se afunilam nas pesquisas (Pereira, 2006). Entretanto ao explicar sua compreensão sobre esses grupos a autora nos auxilia a entender algumas características fundamentais para análise do grupo no Facebook, que será feita mais adiante:

Não importa que apresentem desdobramentos que venham caracterizar em determinados momentos esta ou aquela referência. Não importa que a maioria dos autores utilizados trilhe caminhos específicos da psicologia. Importa que esses caminhos de modo alternados ou sinérgicos venham minimizar o sofrimento, estimular a inclusão e reintegração social do usuário e melhorar a qualidade de vida. Grupo deve ser compreendido aqui, como uma das fontes de reequilíbrio, readaptação, troca, reinserção, ajuda mútua, expressão autêntica de sentimentos, pensamentos e ações. (Pereira, 2006, p. 46.)

Para a autora, o grupo de acolhimento pode ser entendido como primeiro atendimento ou recepção do usuário no serviço e pode ser usada para a continuidade da atenção à saúde dos mesmos possibilitando trocas e vínculos sucessivos. Sobre as especificidades nesse tipo de grupo a autora diz:

Sendo uma ação centrada em torno de pessoas que se encontram com intenções comuns, que tem por finalidade buscar alternativas em termos de resolução das dificuldades vivenciadas pelo convívio grupal, onde cada um cria oportunidades e desempenha funções específicas que se complementam em processo de ensino-aprendizagem constante, é importante diferenciar um grupo com ação social construtiva e transformadora, de situações em que se juntam várias pessoas em um mesmo local, sem vínculos interpessoais como boates, danceterias, clubes, transportes coletivos, por exemplo. (Pereira, 2006, p. 50)

Neste sentido, adoto neste artigo tanto a nomenclatura de grupo de acolhimento como a de grupo de apoio como sinônimas por melhor refletirem sobre os funcionamentos do grupo no

Facebook. Assim, a experiência em grupo fomenta a produção de conhecimento através de uma perspectiva dialógica e interativa, o que possibilita que problemas e soluções sejam compartilhados, caracterizando-se como uma estratégia de promoção à saúde (Pereira, 2006, p. 51).

As experiências em grupo também podem servir como alternativa de saúde pública aos profissionais da saúde mental, visto as demandas das conjunturas sociais, segundo Rasesa e Rocha (2010). Segundo os autores, a aposta em práticas grupais se mostra sensível à cultura, ao vocabulário e à linguagem dos seus membros, dando destaque ao contexto social dos mesmos. Além disso, os autores apontam para outras características das práticas em grupo:

O grupo representa, ainda, a marca do coletivo que permite o reconhecimento do sofrimento compartilhado, ampliando as formas de entendimento e significação do processo saúde e doença, e potencializa a organização e ação conjuntas. As práticas grupais, neste sentido, estão em conformidade com o preconizado pelo SUS e seus princípios de universalidade do acesso, integralidade da atenção e controle social, pois podem contribuir para a democratização do acesso à saúde no país, permitindo a participação da comunidade em sua atenção integral de acordo com suas necessidades específicas e a variabilidade de crenças e costumes e na própria gestão dos serviços (Rasesa; Rocha, 2010, p. 36).

Neste sentido, as práticas em grupo podem ser uma forte aliada da saúde pública se trabalhadas em conjunto com profissionais de saúde mental e voltadas às necessidades e características da população atendida.

No que diz respeito especificamente aos grupos de apoio para pessoas portadoras do HIV, Japur e Rasesa (2003) afirmam haver uma diversidade de experiências relatadas. Entre as funcionalidades destes grupos estão a possibilidade de o participante encontrar apoio e encorajamento, diminuir seus medos, ansiedades e proporcionar novas maneiras de lidar com o HIV/AIDS. Além disto, as intervenções grupais podem capacitar seus membros a desenvolverem um olhar mais positivo de si próprio, se tornarem mais ativos e seguros, aumentando sua autoestima e o encontro de novas perspectivas de vida (Japur; Rasesa, 2003, p. 55).

Visto isso, podemos entender as características fundamentais de um grupo de apoio e acolhimento como à reintegração social, ajuda mútua e o compartilhamento do sofrimento. Além disso, podemos entender como a presença e a troca nesses grupos pode impactar na qualidade de vida dos membros, na sua percepção de si, na autoestima e na relação com o vírus. Sejam esses grupos presenciais ou on-line, como irei tratar na seção seguinte.

A RELAÇÃO ENTRE PVHIV E SOCIEDADE EM TEMPOS DE TECNOLOGIAS DIGITAIS

Um dos pontos que se tornam centrais para a abordagem desta pesquisa é a hibridez entre sociedade e tecnologia a partir do século XXI. As mudanças advindas com a rede mundial de computadores têm transformado a vida em sociedade. No campo da saúde, essa rede tem sido uma grande facilitadora em diversas instâncias como nas intervenções terapêuticas e nas pesquisas em saúde, além disso essa configuração da vida on-line tem capacidade de alcançar grupos de difícil acesso, como é o caso das pessoas com doenças e infecções estigmatizantes, como a depressão, os deficientes e o HIV/AIDS (Falcão *et al.*, 2020)

O tabu imposto ao tema HIV/AIDS impede, muitas vezes, que a própria família ou amigos do paciente saibam sobre a condição sorológica dessa pessoa e não raro a internet se torna um recurso para informação, orientação e busca de apoio entre pares e junto a especialistas, seja através de pesquisa ou da adesão a grupos de acolhimento. É válido lembrar, como já tratado, que o diagnóstico do HIV tem um grande impacto na vida de uma pessoa, colocando a mesma no lugar de estigmatizada. Nesse contexto, o diagnóstico positivo para vírus equivale ao que Goffman conceitua como *carreira moral*, como visto anteriormente.

Assistindo a uma *live* no Youtube sobre saúde mental de PVHIV me deparei com a fala de Salvador Corrêa, psicólogo, pesquisador e ativista vivendo com HIV desde 2011³. Nesta palestra, ele fala sobre as questões levantadas durante o mestrado e doutorado em relação à saúde mental de PVHIV e como a pandemia de Covid-19 e o isolamento agravaram as questões psicológicas dessas pessoas. Um dos documentos indicados pelo psicólogo para leitura foi o “Guia rápido de saúde mental e HIV em tempos de covid-19 (2020)” (UNAIDS, 2020), criado pela UNAIDS em 2020 que foi fundamental para o meu entendimento das funcionalidades dos grupos online. A UNAIDS é um programa das Nações Unidas criado em 1996 e que tem a função de criar soluções e ajudar nações no combate à AIDS.

³ A live está disponível em <https://youtu.be/5-kGSnY5v4M>. Acesso em: 21 jul. 2023.

Figura 1 – Guia da UNAIDS



Fonte: reprodução.

O guia foi criado na intenção de fortalecer as capacidades de acolhimento e resiliência das redes de pessoas vivendo com HIV e vivendo com AIDS com base na terapia comunitária adaptada a um momento em que o distanciamento físico estava sendo altamente recomendado.

A terapia comunitária tem como objetivo principal o falar para não adoecer, por meio do compartilhamento no coletivo de vivências, sentimentos, informações e saberes, gerando possibilidades de reflexões e de soluções participativas, dando voz, escuta, oportunidade de trocas e visibilidade ao lugar de fala de pessoas e comunidades muitas vezes invisibilizadas, marginalizadas e silenciadas em suas dores e necessidades (UNAIDS, 2020, p. 4).

A terapia comunitária e a socialização em ambientes virtuais, tal como concebido pelo guia, foi fundamental para entendermos as características que tornam o grupo no Facebook um lugar de acolhimento e fortalecimento da autoestima de PVHIV. Como dito anteriormente, o tabu imposto gera um silenciamento sobre o tema, em oposição a isto o grupo conta com mais de 5 mil de pessoas que trocam relatos pessoais, dados e questões sobre tratamento, medicação e outros atravessamentos que surgem através do HIV.

Como sabemos, a cultura de uma sociedade sempre deve ser analisada a partir das referências de tempo histórico e lugar, e as ciências sociais tem buscado instrumentos teóricos e metodológicos para fazer as análises dos fenômenos das últimas décadas relativos à revolução tecnológico virtual e os impactos gerados a partir desta revolução ainda em curso da sociedade. Entre os caminhos possíveis para as ciências sociais na análise dessa nova configuração social está o da abordagem interdisciplinar, com auxílio de áreas como a psicologia, a comunicação e a educação, como é o caso desta pesquisa.

Para um melhor entendimento dos fatores que influenciam as relações nas redes sociais digitais, também foi necessário compreender como avaliar o nível de credibilidade e os critérios que os usuários têm com as informações compartilhadas pelas tecnologias da informação e comunicação. Para Igor Sacramento e Paiva (2020), estamos passando de um regime de verdade baseado na confiança nas instituições para outro, que é regulado por dogmas, pela intimidade e pela experiência pessoal, bases das redes de informação não oficiais. Os vídeos no Youtube e os compartilhamentos em grupos de Whatsapp coexistem com as notícias de instituições tradicionais de comunicação em saúde. A proximidade e confiança em quem compartilhou a informação, muitas vezes de forma amadora, dá ao receptor a sensação de que os fatos são verdadeiros, reais, o que fortalece essas redes de informação não oficial. Dentro deste contexto, se forma o que o autor chama de *bolhas* ou *guetos informacionais*. Ali, a disputa pela verdade é a disputa pelo poder, e na multiplicidade da contemporaneidade essa disputa se complexifica (Sacramento; Paiva, 2020, p. 85).

Devido a este modelo de informação personalizada podemos considerar como de fundamental importância, para os grupos de apoio e acolhimento virtuais, a presença e participação ativa de profissionais da saúde, ativistas engajados e agentes que possam fazer um trabalho educativo/formativo mantendo o viés afetivo dessas trocas mais personalizadas do universo on-line, para que as vivências, dúvidas e angústias compartilhadas ali encontrem acolhimento e também informações e orientações científicas em prol de um conhecimento emancipador. É o que vemos na apresentação do grupo do Facebook aqui estudado, que descreve como um espaço para acolhimento, esclarecimento, fortalecimento e ajuda mútua, onde pessoas vivendo com HIV, familiares, profissionais e pesquisadores podem conviver, compartilhar dúvidas, medos, histórias e experiências.

Para Sacramento e Paiva (2020), a internet e as redes sociais on-line contribuem para estabelecer novas materialidades e visibilidades na tentativa de formar coletivamente entendimentos sobre determinadas situações. Nesse sentido, interpretamos que o grupo analisado coloca em contato pessoas de diferentes posições na sociedade unidas pelo HIV.

Em uma sociedade em que falar sobre o vírus é um tabu, o grupo se materializa como lugar de encontro e escuta sobre dúvidas e angústias geradas pelo vírus e pela síndrome. Entretanto, também existem riscos nessa lógica de agrupamento em redes sociais nessa sociedade que Sacramento e Paiva (2020) nomeiam de sociedade da “pós-verdade”: há uma tendência em fechar o sentido de forma simplista e compreender o outro rápido e apenas superficialmente. Por isso, no contexto das redes e dos grupos nelas formados, é importante a

intervenção constante de profissionais capacitados a desmistificar mitos e esclarecer inverdades que possam surgir no cotidiano do grupo. Como alertam os autores,

Na lógica atual do mercado, como entendemos, verdade é um produto reiterado, não por consenso liberal, mas pelo automatismo inerente ao circuito discursivo dos dispositivos de mídia, ou seja, devido à intenção de inculcar um ponto de vista supostamente verdadeiro, o jogo atual do mercado e da rede perfaz-se pela amplificação tecnológica – a eletrônica e a semiose redefinem e alargam o espaço – do ponto de vista. Este, em vez de apenas martelado, é irradiado como uma contaminação atômica ou viral, propagando-se por contágio ou por ondas de impacto sensível. (Sacramento; Paiva, 2020, p 84)

A partir dessa ideia de ondas de impacto que irradiam, o grupo analisado, por exemplo, pode ser considerado um amplificador do debate e de informações fidedignas relacionadas ao HIV/AIDS nesse regime de pós-verdade. Devido à preocupação com o controle das postagens publicadas, o grupo conta com o que chama de monitores, que ficam responsáveis para que as regras de convivência e postagens sejam mantidas. Entre as regras pré-estabelecidas vale destacar, neste momento, um trecho da 5ª regra dos termos e condições do grupo, segundo a qual é proibido o compartilhamento de tratamentos alternativos anti-HIV e que informações sobre terapias complementares são bem-vindas desde que associadas ao tratamento convencional e aos protocolos do Ministério da Saúde. A página, além dos monitores e dos moderadores, conta com profissionais de saúde e ativistas que embasam e trazem confiança nas trocas feitas naquele espaço.

Uma pesquisa feita por Luciene Dutra Falcão, Helena Beatriz da Rocha Garbin e Lilian Koifman que resultou no artigo “*A internet como coadjuvante no empoderamento dos pacientes que vivem com o HIV/Aids*” (Falcão *et al.*, 2020) nos revela que além dos impactos já abordados até aqui, a relação das PVHIV com os grupos de acolhimento tem trazido bons resultados no que diz respeito à relação entre paciente e profissional de saúde. O que estes estudos têm mostrado é que a informação/conhecimento adquiridos pelos pacientes levam essas pessoas a se envolverem mais e estarem mais capacitados nas tomadas de decisão em saúde. Segundo a pesquisa, o uso das redes pelos pacientes para este fim tem aumentado sua autoconfiança, sua proatividade e sua autonomia, possibilitando que criem estratégias para enfrentamento das múltiplas situações em relação à saúde, em diálogo e respeito com o profissional de saúde. (Falcão *et al.*, 2020).

Essas associações grupais, assim como o grupo analisado, têm como característica transformar o compartilhamento das experiências e vivências em força moral para enfrentar o vírus e ressignificar o lugar destes indivíduos frente à sociedade. Esse movimento de grupos de acolhimento e apoio, como no caso aqui em estudo, vem ganhando reconhecimento por

autoridades públicas e por profissionais de saúde, por conta dos impactos sociais e psicológicos aos pacientes que vivem com o HIV/AIDS. Estes espaços ampliam o conhecimento a respeito do vírus e se tornam importantes atores no seu enfrentamento, conectando de forma rápida e fácil os mais diferentes perfis (sociais, culturais, econômicos, religiosos) de maneira democrática e possibilitando um engajamento cívico (Falcão *et al.*, 2020).

Os grupos de acolhimento on-line são conceituados, como nos mostra o guia de saúde mental feito pela UNAIDS, como “safe space” (espaço seguro) e “brave space” (espaço corajoso). O conceito de espaço seguro se baseia no aumento da segurança e visibilidade dos membros marginalizados ou oprimidos de uma determinada comunidade, e essa sensação de segurança se transforma em coragem para os acolhidos. Já um espaço corajoso deve conter cinco elementos principais segundo o guia:

- >> "Controvérsia com civilidade", onde as opiniões divergem são aceites
- >> "Intenções e impactos próprios", no qual os participantes devem reconhecer e discutir os casos em que um diálogo afetou o bem-estar emocional de outra pessoa
- >> "Desafio por escolha", onde os participantes têm a opção de entrar e sair de conversas desafiadoras
- >> "Respeito", onde os participantes mostram respeito por uma personalidade básica de outra pessoa
- >> "Sem ataques", onde os participantes concordam em não intencionalmente infligir danos uns aos outros (UNAIDS, 2020, p. 7).

Veremos abaixo como todas essas características se apresentam no grupo analisado.

METODOLOGIA

MATERIAIS PARA O ESTUDO DE CASO

Como visto na subseção anterior, a internet tem gerado uma grande transformação na estrutura da sociedade. Na tentativa de compreender essa nova estrutura, os métodos para a pesquisa nas áreas das humanidades também têm se adequando e se atualizando para compreensão dessas transformações. Esta pesquisa tem um viés qualitativo, visando através do estudo de caso das interações de um grupo fechado no Facebook compreender as relações de acolhimento e apoio entre usuários do grupo. Para tal, foi utilizado o método netnográfico a fim de estudar esses fenômenos culturais emergentes no ciberespaço, mais especificamente, do grupo

analisado. Falaremos melhor sobre as referências do método netnográfico e suas características no subtópico seguinte.

Como analisado por Nascimento (2016), ao falar sobre o cenário e os desafios da sociologia digital no século XXI, é de grande interesse sociológico o modo como os indivíduos dessa sociedade em expansão tecnológica têm se tornado o que Lupton (2015) chama de *digital data subjects* (“sujeitos produtores de dados digitais”) (Nascimento, 2016, p 221). A partir dessa perspectiva buscamos tratar os dados produzidos por esses sujeitos no grupo analisado de maneira indissociável entre virtual e real, entendendo que os dois âmbitos estão entrelaçados no cotidiano do século XXI. Consideramos também que as relações de acolhimento e apoio entre usuários do grupo refletem medidas terapêuticas de lidar com o estigma associado ao HIV.

Isto posto, esta pesquisa visou compreender as interações de postagens e respostas do grupo no Facebook com o intuito de analisar o funcionamento das relações de acolhimento entre PVHIV e outros envolvidos. O grupo é mantido como uma comunidade privada no Facebook e somente membros podem ver outros membros e postagens feitas no grupo. Para ser aceito, o membro responde a algumas perguntas pré-estabelecidas sobre sua relação com o HIV/AIDS, depois disso é aprovado ou não por um dos administradores da página. Quando entrei no grupo, em 2018, eu me coloquei nas respostas como PVHIV e pesquisador e depois de aproximadamente 20 minutos fui aceito como membro.

A interface inicial da página conta com uma foto de capa com o nome do grupo em uma logomarca de uma esfera mundial toda em vermelho, cor ligada às campanhas relacionadas ao vírus. Logo embaixo da capa encontramos seis links que levam às seguintes subpáginas: *Discussão, Em destaque, Membros, Eventos, Mídia e Arquivos*. Através da subpágina *Discussão* podemos chegar a apresentação do grupo, onde são explanados os objetivos do grupo: “acolher, orientar, fortalecer e ajudar mutuamente pessoas afetadas pelo vírus causador da aids”. Além disso, nessa subpágina, também encontramos um tipo de perfil ideal para membros: PVHIV, profissionais de saúde, parentes, familiares e cônjuges de pessoas com HIV, pesquisadores e ativistas de direitos humanos.

O período de análise netnográfica foi de junho de 2022 a maio de 2023. Nesse intervalo de tempo, o grupo recebeu em torno de 97 postagens por mês, feitas por diversos membros, e a quantidade de postagens de interação variam de acordo com a natureza das mensagens. Para a análise, foram selecionadas 43 postagens, entre elas seis eram postagens anônimas, 32 possibilitam ver e explorar o perfil do autor da postagem e cinco eram indicações com link para

algum conteúdo relacionado ao HIV – nestas últimas, não foi possível identificar os autores ou autoras das postagens.

No Facebook, as postagens aparecem por ordem cronológica, sendo as primeiras as postagens mais recentes. A seleção das postagens foi feita após uma leitura prévia e, conforme novas postagens apareciam, as mensagens selecionadas eram salvas em uma pasta pessoal no Facebook. Os critérios para seleção contavam com os impactos do diagnóstico na vida do autor, relação de confiança dos usuários com redes pessoais (como a família e os amigos), a busca por novas redes de apoio e o número de reações e comentários das postagens. A pesquisa buscou nas postagens expressão de dilemas, o processo de superação e traumas e depoimentos sobre vivências. Outro ponto importante verificar o nível de interação dos membros com as postagens, as reações e quais os comentários que deixavam a partir de cada uma. Assim, foram selecionadas quatro postagens por mês, em média. Constam no artigo a análise de seis consideradas muito representativas.

Como o objetivo desta pesquisa é compreender os fatores que caracterizam o grupo fechado no Facebook como um grupo de apoio e acolhimento, foi de grande ajuda para definição das categorias de análise a tese de Pereira (2006), para quem três fatores são de maior importância na análise dos grupos: sua capacidade de “Minimizar o sofrimento, estimular a inclusão e reintegração social do usuário e melhorar a qualidade de vida”. (Pereira, 2006, p. 46)

NETNOGRAFIA

Segundo Corrêa e Rozados (2017), a netnografia adapta as técnicas do método etnográfico para o estudo de culturas e comunidades emergentes da internet. Os autores expõem que o método vem cada vez mais sendo usado por profissionais da informação para complementar as pesquisas quantitativas e qualificar o olhar métrico na busca por uma melhor compreensão dos fenômenos por trás dos números. Ainda segundo os autores, outra característica que diferencia o método netnográfico de outros métodos e técnicas usadas na internet está na abordagem do objeto de estudo: “o método não trata as comunicações realizadas no ambiente digital como conteúdo, mas como interações sociais, expressões carregadas de significado e artefatos culturais” (Corrêa; Rozados, 2017, p 5).

Mesmo usando como base e inspiração a etnografia, o método netnográfico tem suas próprias especificidades advindas das demandas do contexto on-line, como a natureza ao mesmo tempo pública e privada dos dados compartilhados. Estes dados não são produzidos a

partir do estímulo do pesquisador, mas são “rastros” deixados pelos usuários em suas apropriações tecnológicas.

Estas reflexões não têm por objetivo defender uma postura contrária à ética em pesquisas na Internet, mas propor um olhar crítico sobre o estudo do ambiente digital a fim de que as particularidades do contexto sejam consideradas e os procedimentos metodológicos tradicionalmente aplicados ao contexto offline não sejam simplesmente transpostos sem uma avaliação dos prejuízos e potencialidades que oferecem. Somente assim a pesquisa netnográfica poderá contribuir para o avanço do conhecimento acerca dos fenômenos sociais que ocorrem e perpassam a Internet. (Corrêa; Rozados, 2017, p. 7)

Através do uso da netnografia como ferramenta metodológica, foi possível observar o campo e seus desdobramentos, vale ressaltar que visto o estigma que acompanha o HIV, lugares onde as pessoas que convivem com o vírus se sintam confortáveis para relatar suas experiências e angústias são raros. Por isso, durante todo o tempo de construção foi necessário manter um olhar atento e sensível aos limites éticos da condução desta pesquisa, entendendo a sensibilidade que era necessária ao falar sobre saúde mental e autoestima relacionadas às PVHIV. Ser uma pessoa portadora do vírus há quatorze anos e pesquisador me levou a construir limites pessoais e profissionais durante a pesquisa, entender os momentos em que os relatos me retomavam vivências dolorosas ou me faziam pensar em como o diagnóstico interfere na representação que um recém-diagnosticado faz sobre si mesmo.

Importante registrar que, por diversas vezes, tentei entrar em contato com os administradores do grupo para comunicar sobre a pesquisa e tentar realizar entrevistas, por todos os canais oferecidos na página, mas não tive sucesso. Por conta das questões e especificidades sobre o sigilo e segurança dos dados dos usuários do grupo, todos os membros, assim como moderadores e administradores foram mantidos em sigilo. Também optamos por não revelar o nome do grupo e não utilizar prints, respeitando o sigilo do grupo por se tratar de um grupo privado. Por escolha metodológica não comentei em nenhuma das postagens analisadas durante o período com o intuito de que as interações não sofressem nem um tipo de influência de minha parte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a análise das postagens foi percebida diversas repetições sobre a vontade dos autores de fazerem amizades ou encontrar pessoas com quem pudessem dividir suas questões pessoais e falar abertamente sobre o HIV. Apesar de alguns autores relatarem as dificuldades

em falar sobre suas questões relacionadas ao vírus e sobre experiências ruins com algum tipo de rejeição ao informarem sobre conviveram com o HIV a outras pessoas de seu convívio fora da rede, os usuários demonstram se sentirem seguros ao fazerem seus relatos no grupo, o que confirma o grupo analisado como “*safe space*” (espaço seguro) e “*brave space*” (espaço corajoso) (UNAIDS, 2020, p. 7) Ao encontrarem no grupo, os membros estão reconstruindo a confiança em falar sobre o vírus e relataram suas vivências, como veremos em um relato em que a pessoa fala sobre as dificuldades com o tratamento, os efeitos colaterais, a solidão e o desejo de fazer amigos e ser acolhido. A partir da análise dessa postagem, pude compreender como o estigma tem se manifestado pelas relações na vivência do autor do depoimento, o tabu imposto sobre o HIV é reforçado pelas experiências de sofrimento, fazendo com que as representações que ele faz sobre o HIV sejam interligadas ao sentimento de sofrimento. Isto também reforça a representação negativa que o usuário faz sobre si enquanto PVHIV. Ações corriqueiramente simples como retirar a medicação na farmácia se tornam uma questão de ansiedade e sofrimento. O medo de ser visto em um CTA [Centros de saúde especializados em IST] ou mesmo nas UBS (Unidade Básica de Saúde) ou centros de saúde próximos às suas casas com a medicação, somatizam ao medo de uma possível “revelação” da sua condição sorológica e, logo, uma revelação de uma parte que o autor prefere que fique oculta do que o compõe.

Na postagem também vemos a situação em que o autor revela ter perdido um amigo após ele ter descoberto sobre sua sorologia, como reforço ao medo da revelação. Neste sentido o ato de escrever o que o autor chama de “*desabafo*” se constitui de um processo de revisitar traumas, inseguranças e medos internalizados, onde processualizar os sentimentos e materializá-los no *desabafo* pode indicar uma ação do autor em minimizar o sofrimento. Como veremos ao tratar as interações com a postagem. Outro ponto importante para análise é a relação que o autor faz entre o sofrimento de ter sua amizade rejeitada e a dificuldade de viver com HIV. Logo em seguida, a pessoa escreve sobre ter o médico como única pessoa para falar abertamente sobre seu caso. Além disso, podemos analisar através do relato do autor da postagem que o uso da rede social não interfere negativamente na relação do usuário com os profissionais de saúde. Isso vai ao encontro da pesquisa de Falcão, Garbin e Koifman (2020), que indicam que a relação do usuário com a rede social não faz divergir sua relação com o médico, mas caminha no encontro de complementar o apoio por um cuidado de saúde mais amplo e que não sobrecarregue as, já altas, demandas do SUS.

Como vimos no subtópico 2.3, o tabu imposto ao tema HIV/AIDS impede, muitas vezes, que a própria família ou amigos da PVHIV saibam sobre a condição sorológica dessa pessoa.

Na postagem, podemos ver que no âmbito de relações *offline* o número de pessoas que sabem da sorologia positiva para HIV do usuário é limitado ao número de três pessoas, enquanto só nesta postagem houve 36 reações e 47 comentários. Além disso, a postagem pode ser visualizada por qualquer membro do grupo e o autor optou por fazer uma postagem não anônima possibilitando a visualização de seu perfil pessoal na rede social. A entrada em novos grupos, como nos mostra Pereira (2006), parte de um processo sociocultural de educar relacionado às múltiplas interações livres entre os sujeitos. Esse processo de entrada em novos grupos possibilita também o aumento da percepção sobre o mundo e o processo crítico-reflexivo para com os outros e para consigo mesmo. Portanto, a entrada do autor da postagem no grupo analisado e as interações com outros usuários pode consistir em uma nova forma de representar o HIV, e logo, uma nova maneira de olhar para si. Essa nova perspectiva sobre como conviver com o vírus pode representar um marco na *carreira moral* deste indivíduo.

Trataremos agora dos comentários da postagem. O primeiro comentário desta análise trata-se de um tipo recorrente de resposta aos comentários de postagens, nas quais os autores também demonstram vulnerabilidades e a necessidade de acolhimento. Neste tipo de resposta o/a comentarista conta um relato de sua vida pessoal expondo momentos difíceis seguidos de momentos de superação e ressignificação do HIV na tentativa de fazer com que o/a autor/a da postagem/depoimento tenha outras perspectivas sobre conviver com o vírus e seguir o tratamento de forma adequada. Mesmo não sendo uma regra, os comentaristas deste tipo de mensagens em sua maioria são pessoas que já convivem há anos com o vírus como veremos em um comentário clássico visando ao encorajamento a partir da narrativa de seus próprios desafios e vitórias.

Um dos pontos de maior relevância para os dados desta pesquisa é o impacto positivo que as trocas entre usuários do grupo podem ter. No caso do comentário acima, referente à interação entre o autor e uma comentarista, podemos ver a revelação da volta ao tratamento antirretroviral como resultado de interações anteriores no grupo. Voltar a tomar medicação no caso da PVHIV é um dos passos diretos de reintegração social e melhoria da qualidade de vida.

Outro tipo de reação às postagens são aquelas em que os membros, além de deixarem um comentário de apoio, também se colocam à disposição para uma relação extragrupo, seja pelo aplicativo Messenger ou mesmo pelo Whatsapp, como vemos na esposta de um membro oferecendo-se para conversar. Durante a seleção das postagens foram encontradas também postagens em que os usuários expunham suas localidades a fim de encontrar outros usuários na mesma região para encontros presenciais. A resposta do membro autor da primeira postagem,

em seguida é um depoimento de como se sentiu acolhido no grupo e mais encorajado a continuar com o tratamento.

Através destas postagens podemos ver como os relatos e as discussões que surgem decorrentes deles têm refletido de maneira positiva na vida dos membros do grupo de maneira geral. O grupo neste sentido tem sido um espaço onde se permite reconhecer o sofrimento compartilhado, ampliando as formas de entendimento e significação do processo saúde e doença e potencializando a organização e ações conjuntas onde as interações grupais refletem de forma individual. Neste sentido, as práticas do grupo aqui estudado se alinham às práticas grupais analisadas por Rasera e Rocha (2010, p. 36), estando em conformidade com o preconizado pelo SUS e seus princípios de universalidade do acesso, integralidade da atenção e controle social, pois contribuem para a democratização do acesso à saúde no país, permitindo a participação da comunidade em sua atenção integral de acordo com suas necessidades específicas e a variabilidade de crenças e costumes e na própria gestão dos serviços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu da compreensão de que o *modus operandi* do grupo analisado poderia nos dar pistas sobre ações efetivas de mitigação do estigma e fortalecimento da autoestima de PVHIV. Ao longo de sua construção, a pesquisa foi delimitando os caminhos teóricos que deveriam ser trilhados, a fim de responder às demandas que surgiam. Durante a seleção das mensagens pudemos analisar as diversas maneiras como o estigma se manifesta na vida das pessoas que vivem com o vírus. Retomando os estudos de Goffman (2004), encontramos, como observado nas postagens feitas no grupo, a operação do estigma como uma autoconcepção de inferioridade, levando o estigmatizado a um estado de insegurança e ansiedade. Vimos que o estigma não está no vírus em si, mas na concepção moralizante sobre ele, e que a diversidade do grupo reflete também na diversidade de percepções sobre o HIV encontradas nele.

Compreendemos também que, por reunir esta multiplicidade de vivências e percepções sobre o HIV, o grupo analisado tem sido uma rede de apoio e acolhimento para as pessoas que convivem com o vírus. O grupo se apresenta não só como um *safe space*, mas também como um *brave space*, onde as pessoas se sentem seguras e confortáveis para falar suas dores e aprender com outras vivências.

Como vimos, o grupo atende as três características colocadas por Pereira (2006) como fundamentais nos grupos de apoio: minimiza o sofrimento, estimula a inclusão e reintegração social do usuário e auxilia na melhoria da qualidade de vida.

Gostaria de ter trabalhado com mais profundidade questões que considero importantes para a mitigação do tabu imposto sobre o vírus, como o papel da mídia na construção do estigma sobre o HIV e sua responsabilidade histórica de reparação do fato. Acredito também que as redes que se ramificam a partir do grupo analisado como os grupos no Messenger ou no Whatsapp e todo o material de dados já exposto no grupo tem trilhas a serem analisadas. Os dados das interações encontrados ali podem fundamentar ações de maiores escalas a fim de criar uma nova representação do HIV no imaginário social brasileiro. Deixo essas e outras questões, como o acesso à internet e a informação no Brasil para pesquisas futuras que possam surgir.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de vigilância em saúde. Departamento de vigilância, prevenção e controle das infecções sexualmente transmissíveis, do HIV/AIDS e das hepatites virais. **Boletim epidemiológico, hepatites virais 2022**. Número especial. Brasília: Ministério da Saúde, 2022.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de vigilância em saúde. Departamento de vigilância, prevenção e controle das infecções sexualmente transmissíveis, do HIV/AIDS e das hepatites virais. **Prevenção combinada do HIV: bases conceituais para profissionais, trabalhadores (as) e gestores (as) de saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017

CORRÊA, Maurício Vargas; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 22, n. 49, p. 1-18, 2017.

FALCÃO, Luciene Dutra; GARBIN, Helena Beatriz da Rocha; KOIFMAN, Lilian. A internet como coadjuvante no empoderamento dos pacientes que vivem com o HIV/Aids. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, p. e300231, 2020.

GARCIA, Sandra; KOYAMA, Mitti Ayako Hara. Estigma, discriminação e HIV/aids no contexto brasileiro, 1998 e 2005. **Revista de Saúde Pública**, v. 42, p. 72-83, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade**. Tradução: Mathias Lambert. 4. ed. [S.I]: [S.I], 2004. Digitalização disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman.erving.estigma_notassobreamanipulacaodaidentidadedeteriorada.pdf. Acesso em: 21 jul. 2023.

HEREK, Gregory M. et al. Correlatos de homofobia internalizada em uma amostra comunitária de lésbicas e gays. **Journal-Gay and Lesbian Medical Association**, v. 2, p. 17-26, 1998.

LUPTON, Débora. **Sociologia digital**. Londres: Routledge, 2015.

MISKOLCI, Ricardo. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. A sociologia digital: um desafio para o século XXI. **Sociologias**, v. 18, p. 216-241, 2016.

PEREIRA, Audrey Vidal. **O mundo positivo do HIV a partir da visão dos profissionais de saúde no Município de Niterói**, RJ. 2006. 313 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.

PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). **Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS Brasil** [2019]. Disponível em: https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2019/12/2019_12_06_Exec_sum_Stigma_Index-2.pdf. Acesso em: 21 jul. 2023.

RASERA, Emerson Fernando; JAPUR, Marisa. Grupo de apoio aberto para pessoas portadoras do HIV: a construção da homogeneidade. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, p. 55-62. 2003

RASERA, Emerson Fernando; ROCHA, Rita Martins Godoy. Sentidos sobre a prática grupal no contexto de saúde pública. **Psicologia em Estudo**, v. 15, p. 35-44, 2010.

SACRAMENTO, Igor; PAIVA, Raquel. Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil. **MATRIZES**, v. 14, n. 1, p. 79-106, 2020.

UNAIDS. **Guia rápido Saúde Mental e HIV em Tempos de COVID-19: Fortalecendo as capacidades de acolhimento e resiliência das redes de pessoas vivendo com HIV e vivendo com AIDS com base na terapia comunitária**. [2020]. Disponível em: https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2020/07/2020_06_15_Sau%CC%81de-mental-e-HIV-em-tempos-de-COVID-19_FINAL.pdf. Acesso em: 21 jul. 2023.